ALMANAQUE RIO LILÁS:
A GESTAO DAS ÁGUAS PELAS MULHERES NO VALE JEQUITINHONHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA POLO DE INTEGRAÇÃO DA UFMG NO VALE DO JEQUITINHONHA.

PROJETO RIO LILÁS: A GESTÃO DA ÁGUAS PELAS MULHERES - IDENTIDADE, CAPACITAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Belo Horizonte
Janeiro-2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS | UFMG

Reitora

· Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor

· Alessandro Moreira

Pró-Reitor de Cultura

· Fernando Mencarelli

Pró-Reitora adjunta de Cultura

· Mônica Ribeiro

Coordenação do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha:

· Maria das Dores Pimentel Nogueira

Coordenação do projeto Rio Lilás - a gestão das águas pelas mulheres:

· Dimitri Fazito de Almeida Rezende
· Fernando Setembrino Cruz Meirelles
· Maria das Dores Pimentel Nogueira

Conselho Editorial do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha:

· Daniel Reis Silva
· Dimitri Fazito de Almeida Rezende
· Fernando Antonio Mencarelli
· Fernando Setembrino Cruz Meirelles
· Márcio Simeone Henriques
· Maria das Dores Pimentel Nogueira
· Roberto do Nascimento Rodrigues

Projeto Gráfico

· Júlia Pissolato

Revisão de Projeto Gráfico

· Wellington Tadeu

Revisão Ortográfica

· Lilian Oliveira

Assessoria editorial

· Roseli Raquel de Aguiar

Elaborado por Diná Marques Pereira Araújo - CRB6-2546
Universidade Federal de Minas Gerais - Pró-Reitoria de Cultura - Coordenadoria de Patrimônio Cultural

M514a Meirelles, Fernando Setembrino Cruz
Almanaque rio lilás: a gestão das águas pelas mulheres no Vale do Jequitinhonha / Fernando Setembrino Cruz Meirelles, Maria das Dores Pimentel Nogueira, Nathalia Segato Tomaz, Júlia Pissolato Menezes, Juliana Naime Araujo, Danielli Tolentino Latini, Maria Clara Buschini Brentano.-- Belo Horizonte : UFMG/PROCULT, 2024.
80 p: il. color.; 22 x 24 cm.

1. Almanaques brasileiros. 2. Mulheres - Jequitinhonha(MG). 3. Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) - Recursos hídricos - DesenvolvimentoI.Nogueira, Maria das Dores Pimentel. II.Tomaz, Nathalia Segato. III.Menezes, Júlia Pissolato. IV.Araujo, Juliana Naime. V.Latini, Danielli Tolentino. VI.Brentano, Maria Clara Buschini. VII.Universidade Federal de Minas Gerais - Pró-Reitoria de Cultura - Polo Jequitinhonha. VIII. Título.

CDU: 059
CDD: 036.02

SUMÁ

Este almanaque foi publicado com recursos da emenda parlamentar da Deputada federal Áurea Carolina de Freitas (mandato 2019-2023)

RIO

09 Apresentação

10 Projeto Rio Lilás: A gestão das águas pelas mulheres - identidade, capacitação e integração.

16 Geografia do Jequitinhonha

22 Mulheres, água e jequitinhonha

32 Por mais mulheres na gestão das águas

36 Mapa dos Problemas

42 Gestao de recursos hídricos

46 Comitê de bacia

54 Cruzadinha

59 Sonho das mulheres

72 Receita de Queimadinha

78 Calendário

APRESENTAÇÃO

Você está com um almanaque nas mãos. Espero que goste, foi feito pensando em muitas mulheres que conhecemos no Vale do Jequitinhonha.

Como todo almanaque, parece uma colcha de retalhos, com seus pequenos quadrados com um alinhavo unindo os pedaços. Cada pedaço pode ser apreciado sozinho, cada um pode contar uma história. Olhando todos juntos temos a visão do mosaico no qual os diferentes continuam diferentes e isso é bom, pois cada um vai se destacar de um jeito, mesmo fazendo parte de um conjunto.

Os almanaques antigos traziam muitas informações, sempre na ordem de um calendário, com informações dos astros, da agricultura, dos santos e ainda receitas de doces, remédios caseiros, como tirar manchas, quanto choveu no ano anterior, o nome das guerras e seus heróis, qual é o maior rio do mundo ou a pessoa mais velha de todas, e tantas outras curiosidades.

O do Rio Lilás quer contar histórias e falar de muitas coisas interessantes ou curiosas. Histórias sobre pessoas importantes, todas mulheres. Fatos sobre o rio mais importante, o Jequitinhonha. Curiosidades ora boas, ora não, sobre que lutas ainda não foram travadas, seja porque decisões foram tomadas por poucos e não por muitos, seja porque ainda não chegou a hora da luta que vale a pena lutar.

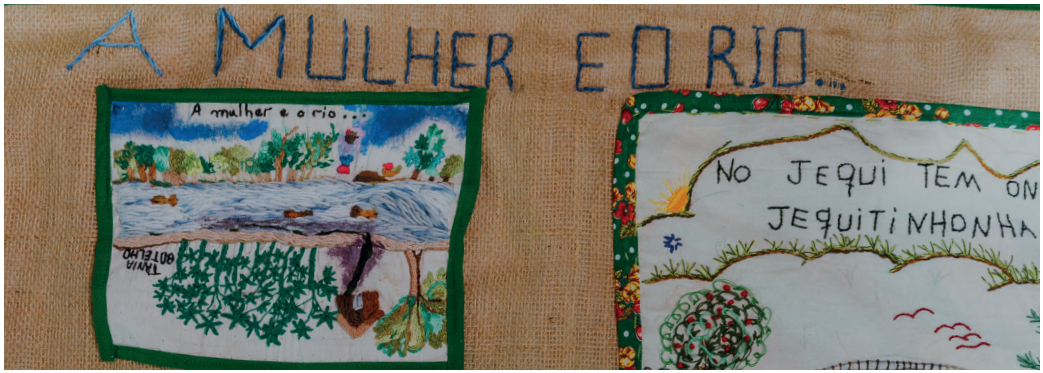
O almanaque mostra como o tempo passa. As águas do Jequitinhonha continuam descendo em direção à Bahia e dali para o mar. O tempo mudou, as águas mudaram, na maior parte das vezes ficaram piores, ficaram menores, ficaram mais feias.

Agora, as mulheres podem mudar como as águas correm e para quem as águas correm no Vale. O tempo de lutar pelo que vale a pena chegou, a luta pelo Jequitinhonha e seu Vale.

A você, que está com o almanaque nas mãos, dedico um pedacinho de um poema de João Cabral de Melo Neto:

Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.

Fernando Meirelles



PROJETO RIO LILÁS: A GESTÃO DAS ÁGUAS PELAS MULHERES

Identidade, capacitação e integração

COMO NASCE O RIO LILÁS?

O projeto Rio Lilás tem sua origem nas discussões do movimento cultural. Durante a realização do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha/Festivale de 2009, os problemas das diversas formas de violência contra a mulher e do feminicídio, especificamente, na região foram denunciados, indicando-se a necessidade de intervenções em um quadro preocupante. A demanda foi apresentada à Universidade, por meio do Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, solicitando-se uma atuação mais estruturada da instituição no território, na área dos direitos humanos das mulheres e de combate às diversas formas de violências contra a mulher. Surge, assim, a proposta de fazer um Fórum da Mulher do Jequitinhonha, cuja primeira edição aconteceu no município de Jequitinhonha em 2011.

A partir dessa primeira edição, o Fórum da Mulher do Jequitinhonha tornou-se um importante evento em todo o território do Vale, acontecendo de forma itinerante. As edições posteriores ocorreram nos seguintes municípios: Itaobim (2012), Capelinha (2013), Araçuaí (2014), Virgem da Lapa (2015), Araçuaí (2017), Diamantina (2018), Berilo (2019). Interrompido nos anos de 2020 e 2021 devido à pandemia de Covid-19, retornou no ano de 2022, com a realização de sua 9ª edição no município de Araçuaí, e a 10ª edição em Almenara, em 2023. O Fórum da Mulher é realizado sempre em parceria com as respectivas prefeituras municipais, além de associações e grupos de mulheres, instituições estaduais e regionais.

Na edição de 2014, questões relativas à quantidade, à qualidade e ao uso da água na região, foram denunciadas com grande preocupação pelas participantes. Na plenária final, o tema foi aprovado como um eixo a ser debatido no fórum seguinte.

No 5° Fórum, realizado no município de Virgem da Lapa em 2015, que contou com cerca de 520 participantes, foi feita a palestra "Importância da Mulher na Gestão da Água" pelo professor Fernando Meirelles (UFRGS), à época diretor de Recursos Hídricos do Estado do Rio Grande do Sul. As mulheres participaram intensamente da discussão sobre o tema e desse processo resultou a Carta das Águas do Jequitinhonha, redigida e aprovada em 19 de junho de 2015, por mais de 500 mulheres.



Fórum da Mulher 2023 - fotografia Nathalia Segato



Fórum da Mulher 2023 - fotografia Nathalia Segato

Ao se tornarem conscientes do papel da mulher na provisão, gerenciamento e proteção da água — internacionalmente definido — de forma que elas mesmas possam discutir seus problemas com a urgência necessária, propondo os encaminhamentos devidos, um importante movimento começou a se formar. Ocorreu uma intensa mobilização das mulheres a fim de serem capacitadas para atuar no âmbito do sistema de gestão de recursos hídricos. Poucos meses depois, o Fórum da Mulher do Jequitinhonha promovia, em Araçuaí, uma oficina de capacitação sobre os Comitês de Bacia e as possibilidades de participação das mulheres de forma organizada.

O encerramento da oficina foi marcado pela manifestação dos/das participantes quanto à necessidade de um projeto que tratasse a questão dos recursos hídricos no Vale do Jequitinhonha e preparasse as mulheres do território para a gestão das águas. Era o nascedouro do Rio Lilás, uma parceria entre a UFMG através do Polo Jequitinhonha, e a UFRGS, na pessoa do Fernando Meirelles, professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas.

No entanto, a partir de 2016, os dois governos federais seguintes não mais disponibilizaram financiamento para a extensão universitária brasileira, por meio de editais do Ministério da Educação, e em vista disso o Programa Polo Jequitinhonha e seus parceiros não conseguiram recursos para implementar o projeto Rio Lilás. Mas a ideia do projeto das águas continuou viva!

Para grande alegria dessa turma das águas, em 2021, foi publicado o Edital Gabinetona, ao qual foi submetido e aprovado o projeto Rio Lilás, recebendo recursos de emenda parlamentar da deputada federal Áurea Carolina de Freitas. No ano de 2022, foram iniciadas as atividades do projeto.

PROJETO RIO LILÁS: A GESTÃO DA ÁGUAS PELAS MULHERES — IDENTIDADE, CAPACITAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Concebido com base nos princípios da Conferência Internacional sobre Água e Meio Ambiente (Dublin, 1992), que assegura um papel central às mulheres como provedoras e usuárias da água e guardiãs do ambiente em que vivem e recomenda a implementação de políticas para atender às necessidades específicas das mulheres, equiparando-as e empoderando-as para participar em todos os níveis nos programas de recursos hídricos, incluindo a tomada de decisões e sua implementação, o projeto Rio Lilás visa contribuir para corrigir a rota de gestão das águas no Vale do Jequitinhonha. Os planos de bacia até agora apresentados para as bacias mineiras Alto Jequitinhonha, Araçuaí e Médio/Baixo Jequitinhonha não são do conhecimento nem do entendimento dessa população nem refletem, como deveriam, o ponto de vista da mulher na proteção e gerenciamento dos recursos hídricos.



Fórum da Mulher 2023 - fotografia Nathalia Segato

O projeto atua em três eixos: Identidade, Capacitação e Integração. No eixo Identidade, foram registradas as diferentes óticas de cada porção da bacia, os principais proble-

mas enfrentados pela população pela visão das mulheres e as aspirações destas em relação ao futuro. Foram realizadas entrevistas e filmagens, que depois de editadas foram apresentadas nas outras partes da bacia, promovendo um intercâmbio de impressões.



Fórum da Mulher 2023 - fotografia Nathalia Segato

O eixo Capacitação trata da produção de material informativo em linguagem adequada à região, explorando todas as potencialidades do linguajar regional. No início de 2024, serão realizadas oficinas de capacitação para atuação nos comitês de bacia, em diferentes municípios, de forma a atender mulheres do Alto, Médio e Baixo Vale do Jequitinhonha.

O terceiro eixo, Integração, pretende promover a integração das visões das mulheres do Vale sobre as águas. Para isso, propõe-se a mobilização das mulheres ao longo do rio, com a participação em eventos específicos para apresentar os diferentes problemas elencados e que, preliminarmente e para o nível inicial de planejamento, já são conhecidos: processos erosivos severos, garimpo ilegal, monocultura do eucalipto, poluição por esgotos, pobreza e baixa escolaridade. Ao fim desse eixo, que também marcará o fim do projeto, é proposto o encontro das mulheres com o mar, junto à foz do Jequitinhonha, no município de Belmonte, na Bahia. Para esse último encontro, será organizada uma caravana com grupos de mulheres de toda a bacia, a partir de um processo de mobilização, para uma integração das visões e manifestações culturais identificadas e registradas ao longo do projeto.

Um rio de mulheres explorará as particularidades da bacia, depois descerá até encontrar o oceano. É nessa integração que se espera construir uma rede de possibilidades de ações coordenadas e qualificadas para a gestão da bacia com participação decisiva das mulheres.

O projeto Rio Lilás: A Gestão das Águas pelas Mulheres pretende registrar a relação e a importância das mulheres do Vale do Jequitinhonha com a sua cultura, sua história, seu desenvolvimento e seu ambiente, buscando compreender o arranjo social vigente e as possibilidades que resultam do empoderamento dessas mulheres na busca do desenvolvimento sustentável da região, além de possibilitar a participação futura das mulheres, de forma qualificada, nos três comitês mineiros de gerenciamento da bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha e nos futuros comitês baiano e federal.



Fórum da Mulher 2023 - Fotografia Nathalia Segato

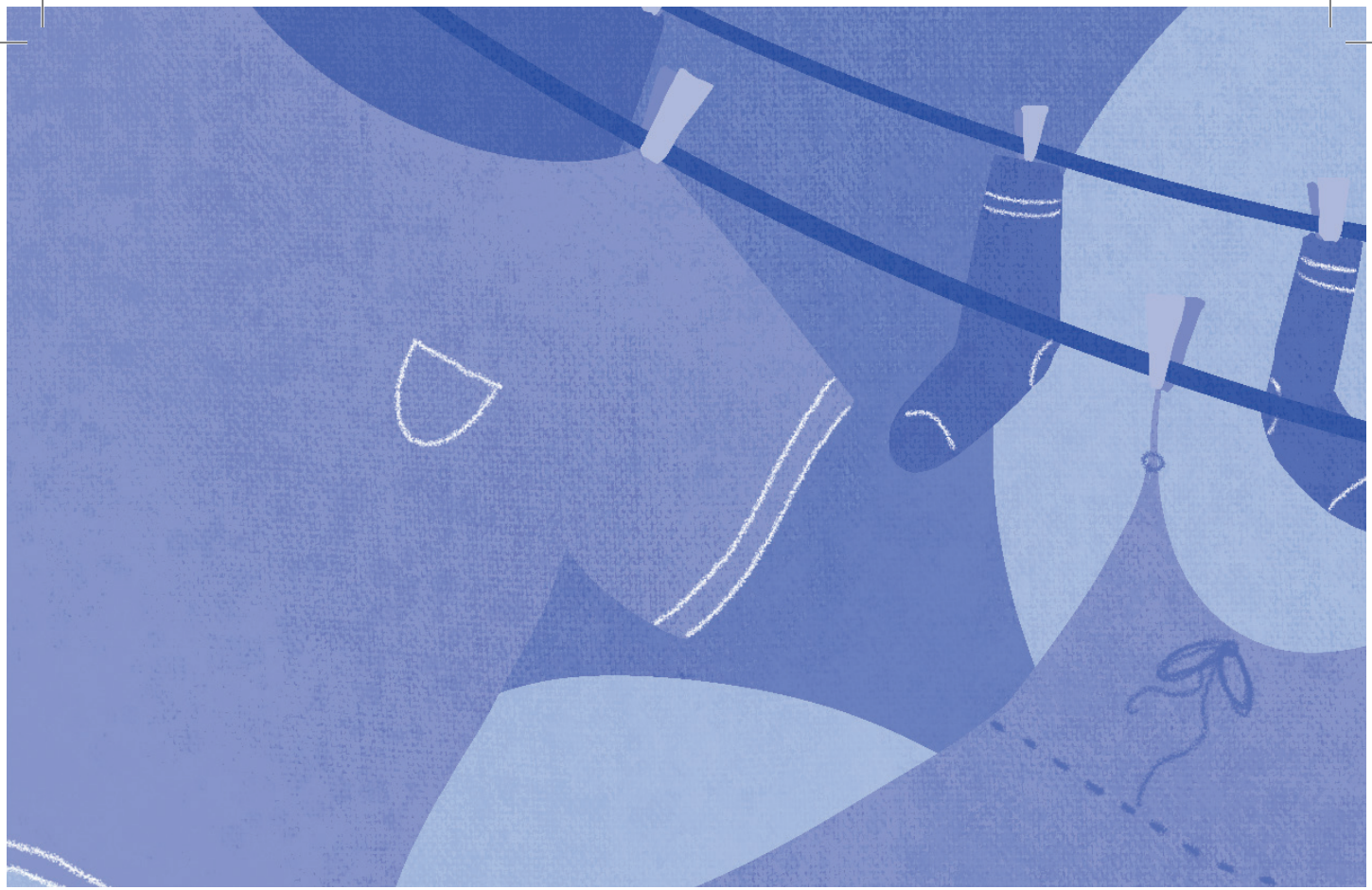



GEOGRA
JEQUITIN

FIA DO HONHA

Existe uma diferença entre clima e tempo. O clima se refere às características climáticas de determinado local em um longo período de tempo, enquanto tempo diz sobre a situação atmosférica momentânea na região. Por exemplo, se ontem choveu e hoje está ensolarado, sabemos que o tempo se alterou, mas o clima da região permanece o mesmo.

VOCÊ SE LEMBRA QUAL FOI O ÚLTIMO PERÍODO LONGO DE ESTIAGEM PELO QUAL VOCÊ PASSOU? E DO CALOR MAIS FORTE QUE SENTIU?



Que o Vale é uma região de seca, a gente já sabe. Mas aqui vão algumas outras curiosidades sobre esse cenário.

O nome dado a esse tipo de clima é "semiárido". A palavra árido significa seco; ausência de água. Dessa forma, é usada para descrever climas desérticos, onde há pouca chuva. O semiárido é um pouquinho diferente: chove em uma época do ano e não chove em outras, como acontece no Vale do Jequitinhonha. O Semiárido brasileiro é uma região do Brasil que fica mais para o lado do Nordeste, onde o clima é bem quente. É onde se encontra a caatinga. É também conhecida como Polígono da Seca.

O Polígono da Seca abrange os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. São mais de 1.300 municípios, que têm essa classificação para facilitar a realização de ações públicas destinadas ao combate à seca.



Mas, mesmo com desafios, o pessoal do Semiárido é muito guerreiro e criativo. Eles criam maneiras de lidar com a seca, como usar água de chuva, semear plantações que aguentam o calor e criar animais que se adaptam ao clima.

Então, o Semiárido brasileiro é uma parte do nosso país onde a natureza impõe um desafio extra, mas o pessoal da região sabe se virar e faz o melhor com o que tem!

Nos últimos anos, foram registradas as menores médias históricas de chuva na região do Jequitinhonha. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), que é o órgão do governo federal que trabalha com o clima, a média de chuva nos municípios da bacia do rio Jequitinhonha baixou de 823 mm para 574 mm entre 2012 e 2016. As chuvas também foram irregulares na região. Em alguns locais choveu mais que em outros. Você se recorda desse período?





ADRIANA MARTINS:

O Governo Federal e do Estado só liberavam ou pipa ou cesta básica. Os prefeitos até falavam "indústria da seca", porque só mandava caminhão-pipa e cesta básica. No Mateus hoje acho que passa só um filetinho de água. Na época da seca mesmo, você não tem condições de levar água para todo mundo e na época que a gente trabalhou na associação, a meta dessa associação era a questão da água. Só que a política do Governo Federal e do Governo do Estado era só a questão de carro-pipa.


MULHERES,
E JEQUITIN

ÁGUA HONHA

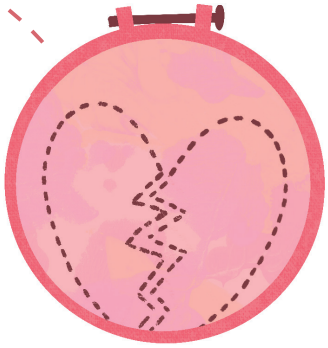
UMA LINHA DO TEMPO



1932

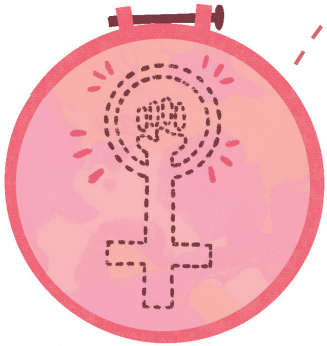
As mulheres brasileiras conquistam o direito de votar. Essa conquista só foi possível graças à organização de movimentos feministas no início do século XX, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial.

1977

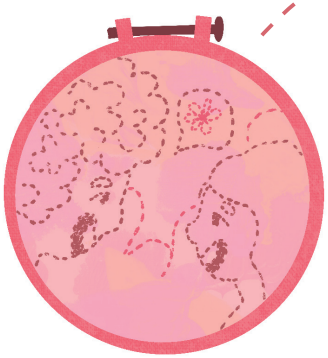


Aprovada a Lei que tornou possível a dissolução do casamento. A Lei do Divórcio, de 1977, foi um marco significativo que permitiu que as mulheres tivessem a liberdade e autonomia para encerrar seus casamentos e até se casar novamente. Antes dessa lei, o Brasil seguia o Código Civil de 1916, que só permitia a separação judicial, ou seja, o casal ainda permanecia legalmente casado, mesmo que não vivesse mais junto.

1988



Promulgação da nova Constituição da República, que trouxe importantes avanços para as mulheres brasileiras. Essa conquista é fruto da Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes. A carta foi resultado de uma intensa campanha nacional, em articulação com ativistas e movimentos feministas de todo o país.



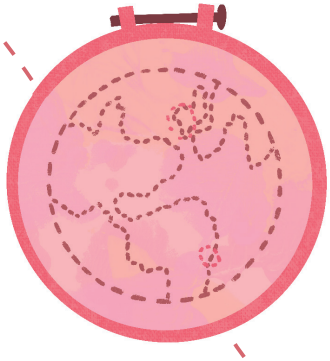
2000

É realizada a 1ª Marcha das Margaridas. O movimento reúne mulheres de todo o Brasil, trabalhadoras do campo, da floresta e das águas. Entre suas diversas pautas, destacam-se a luta por maior participação política das mulheres, a proteção da natureza com justiça ambiental e climática, e a segurança alimentar e hídrica.

1997

Maria do Carmo Ferreira da Silva, a Cacá, é eleita prefeita de Araçuaí. A cidade foi fundada no século XIX por uma mulher afrodescendente – Luciana Teixeira – e Cacá foi a única mulher negra a ser eleita prefeita no município.

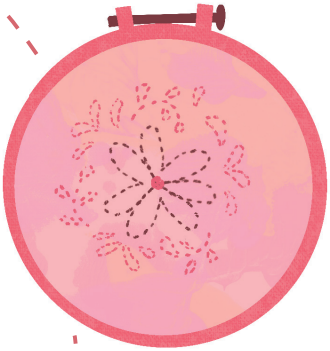




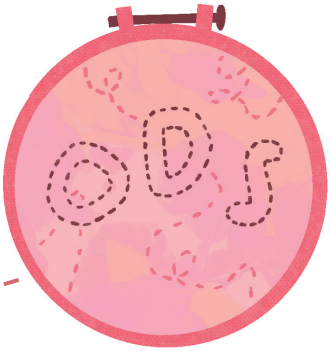
1992

Conferência Internacional de Água e Meio Ambiente, em Dublin, Irlanda, onde foi estabelecido que "as mulheres desempenham papel essencial na provisão, no gerenciamento e na proteção da água". No mesmo ano, o Brasil assinou esse documento durante o evento Rio 92.

2011

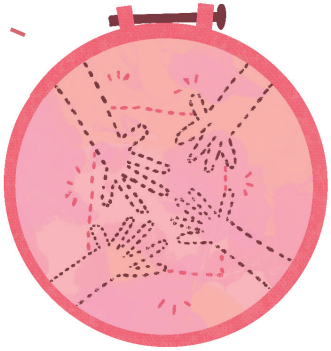


1° Fórum da Mulher do Jequitinhonha. No primeiro Fórum, foi elaborada a Carta da Mulher do Jequitinhonha, composta por seis eixos temáticos: Educação inclusiva e cidadã, Saúde das Mulheres, Combate e enfrentamento a todas as formas de violência contra as mulheres, Vida das mulheres no campo e nos assentamentos, Participação política e Cultura.



2015

A ONU define os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a serem alcançados até 2030. Entre eles, estão o ODS 5, sobre igualdade de gênero, e o ODS 6, sobre água limpa e saneamento. Para mais detalhes consulte a página sobre a Conferência de Dublin e o ODS.



2015

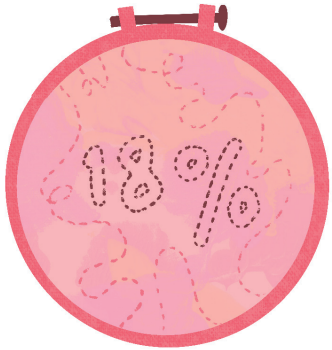
5° Fórum da Mulher do Jequitinhonha, em Virgem da Lapa. A Carta das Águas, redigida e aprovada por mais de 500 mulheres, apresentou denúncias sobre monocultura do eucalipto, barragens, hidrelétricas e outras atividades que afetam negativamente os recursos hídricos da região.



2018

Áurea Carolina de Freitas é eleita deputada federal por Minas Gerais. Áurea é reconhecida por sua atuação em pautas socioambientais. O Rio Lilás e o Fórum da Mulher foram projetos contemplados com recursos de emendas parlamentares da deputada.

2022



Maior número de deputadas federais eleitas na história do país. Entre os 513 deputados eleitos, 91 (18%) são mulheres. Em Minas, a Assembleia Legislativa também registra o maior número de deputadas estaduais eleitas da história. Essas conquistas devem ser celebradas, mas ainda há muita luta pela frente!



Fotografia de Nathalia Segato 2022



CARTA DAS ÁGUAS

"Virgem da Lapa, 19 de junho de 2015.

As Mulheres do Vale do Jequitinhonha, reunidas no V Fórum da Mulher do Jequitinhonha, realizado no município de Virgem da Lapa, nos dias 18 e 19 de junho de 2015, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal de Virgem de Lapa, discutiram os problemas enfrentados pela região, divididos em eixos: a monocultura do eucalipto, barragens, a mineração, a degradação dos recursos hídricos e a violência sofrida pela mulher. Sobre esses temas que impactam diretamente suas vidas, as Mulheres do Vale do Jequitinhonha denunciam à sociedade:

- A substituição da agricultura familiar pela monocultura do eucalipto traz impactos sociais negativos para a região, entre eles a expulsão dos trabalhadores rurais e a migração sazonal, resultando em um processo contínuo de êxodo rural. A monocultura do eucalipto, bem como o uso de agrotóxicos em seu plantio reduz a biodiversidade da região, com impactos negativos no ambiente e nas manifestações culturais relacionadas com o uso da flora regional, como é o caso da medicina tradicional praticada pela população local. Além disso, o excesso de carretas transportadoras de eucalipto em circulação pelas cidades e estradas aumenta o índice de acidentes, colocando em risco a vida das pessoas. Os processos erosivos gerados pela monocultura do eucalipto, conciliado com o uso dos agrotóxicos, têm contribuído para ampliar o processo de assoreamento, com redução da quantidade de água dos rios. O plantio de eucalipto tem ocorrido inclusive junto às nascentes dos córregos da região, reduzindo a vazão da água em toda a bacia, prejudicando trabalhadores rurais e alterando os ciclos das plantações. Por fim, a queima do eucalipto para fazer carvão gera partículas sólidas que são lançadas na atmosfera, causando doenças respiratórias nas comunidades afetadas e contribuindo indiscutivelmente com processos mais amplos de degradação ambiental.

- A atividade de mineração também resulta em conflitos sociais na região, inclusive com exploração sexual de mulheres por funcionários das mineradoras. Há também a desestruturação familiar, quando há redução dos postos de trabalho; mesmo quando são abundantes, esses postos consistem em trabalhos informais, insalubres e precarizados, sem garantia dos direitos trabalhistas. A fiscalização realizada pelos órgãos responsáveis é insuficiente, pois há muitos garimpos ilegais na região. A atividade de mineração, mesmo com a declarada alteração dos processos produtivos por parte das empresas, continua

poluindo os córregos e os rios da região, intoxicando os peixes e prejudicando a saúde da população e dos trabalhadores.

- Há o financiamento de campanhas políticas pelas empresas de mineração, o que coloca em risco a isenção de deputados, vereadores e prefeitos quanto à análise de projetos que beneficiem esse setor em detrimento aos interesses da comunidade, como é o caso do mineroduto, e rearranjando um contexto de neocolonialismo na região.

- As hidrelétricas implantadas na região trouxeram degradação da qualidade da água e impactaram negativamente os peixes da bacia, além de interferir no ciclo das plantações, pois o controle da vazão da água por parte das empresas prejudica drasticamente a vida de trabalhadores, que não podem mais tirar seu sustento da terra, ou porque a água é pouca ou porque a vazão foi grande demais. Além disso, os trabalhadores alocados nas construções das barragens estão envolvidos em casos de violência, abuso e abandono das mulheres grávidas. A construção das barragens também provoca o reassentamento dos moradores, que em muitos casos desenvolvem casos de depressão. Não há uma rede suficiente de monitoramento da quantidade e da qualidade da água na bacia, o que impede uma melhor compreensão das causas e efeitos desse quadro de degradação ambiental, gerando um aumento na transmissão de doenças.

- A manutenção desses problemas decorre da falta de vontade política dos Governos, deixando a população regional sem ter a quem recorrer. É necessário rediscutir o processo de licenciamento da atividade de mineração, de construção de barragens e de plantação de eucaliptos. Sem um novo arranjo, que considere todos os impactos para a população do Vale do Jequitinhonha, as mulheres se posicionam contra a expansão desses empreendimentos em sua região.

- Assumindo o seu protagonismo, as Mulheres do Vale do Jequitinhonha propõem que sejam adotadas, pelas instituições responsáveis, as seguintes ações:

- Propagar informações sobre o eucalipto para a população da bacia, em linguagem acessível, principalmente através da rede escolar, dos poderes legislativos municipais e dos sindicatos de trabalhadores rurais.

- Implantar uma fiscalização ambiental e trabalhista efetiva, identificando e multando os agentes poluidores e as empresas que não cumprem a legislação trabalhista.

- Realizar uma maior fiscalização da elaboração de políticas públicas e licenciamento ambiental para avaliar e regular a qualidade da água.

- Desenvolver projetos populares de construção de cisternas e barraginhas para a população.

- Exigir dos órgãos competentes a criação de uma Política Estadual para garantia dos direitos dos atingidos por barragens e da garantia dos direitos das comunidades tradicionais.

- Construir redes para denúncia coletiva dos problemas sociais e ambientais da região, mantendo a cobrança por ações corretivas também de forma coletiva.

- Utilizar as estruturas de controle social, como Ministério Público, e as ouvidorias municipais e institucionais, como a ouvidoria da força policial, para fiscalizar se há regularidade nos empreendimentos.

- Cobrar o cumprimento da Resolução 169 da Organização Internacional do Trabalho, que protege as comunidades tradicionais da bacia.

- Utilizar os sindicatos como elemento de denúncia e cobrança das medidas a serem solucionadas.

- Ampliar os retornos das atividades econômicas licenciadas na região para as comunidades locais.

- Revisar os licenciamentos ambientais concedidos e os atuais processos de licenciamento de novos empreendimentos na região por parte dos órgãos competentes.

- Revogar o decreto de utilidade pública do mineroduto da Sul-América de Metais.

Fórum da Mulher do Jequitinhonha"


POR MAIS
GESTÃO

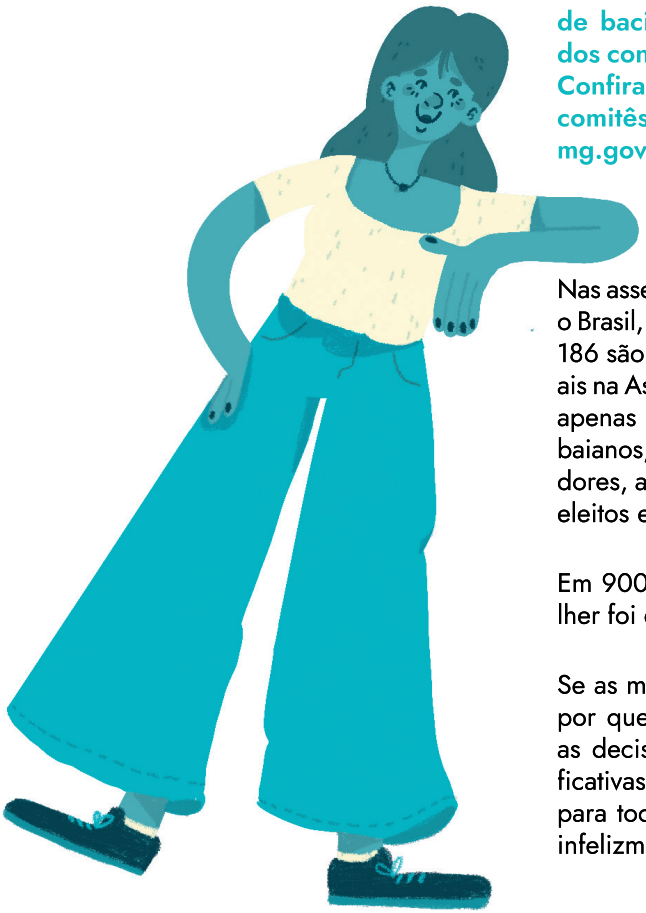
MULHERES NA DAS ÁGUAS

Ao longo dos últimos anos, houve um avanço na participação de mulheres em vários espaços de poder e de tomada de decisão, como vereadoras, deputadas, senadoras, prefeitas, governadoras e presidente. Mesmo assim, a representatividade feminina ainda está muito longe do ideal, já que as mulheres são a maioria da população do Brasil:

DE CADA MIL PESSOAS, 511 SE DECLARARAM MULHERES E 489 SE DECLARARAM HOMENS. EM MINAS GERAIS É PARECIDO: 508 MULHERES, 492 HOMENS. E NA BAHIA, 514 MULHERES E 486 HOMENS.

De acordo com dados oficiais, a Câmara dos Deputados conta com apenas 18% de mulheres. O Brasil tem menos mulheres no campo da política institucional do que a média de todos os países do mundo. Entre 190 países, o Brasil ocupa a posição 129 em relação ao número de mulheres eleitas para o Poder Legislativo, com 17,7% dos deputados federais — são 91 eleitas para o total de 513.

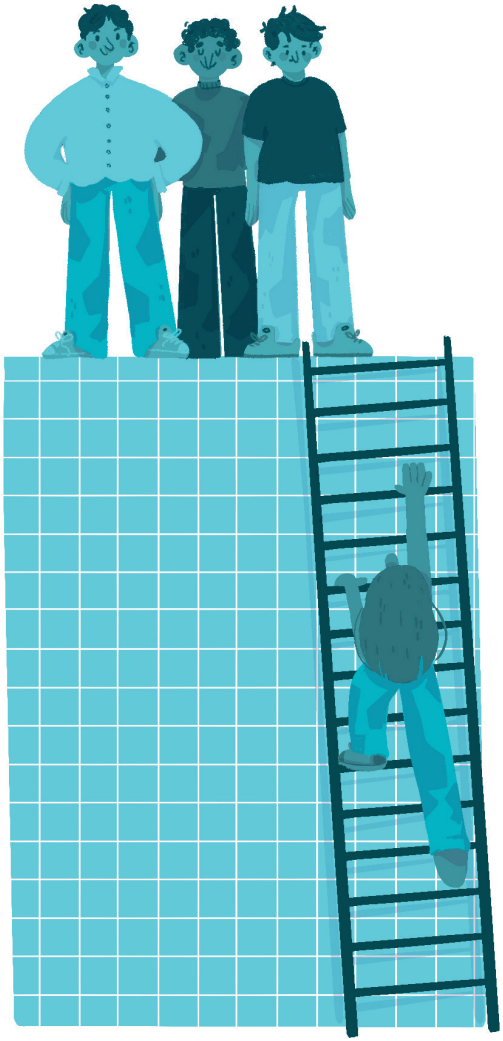
- Você sabia que, em 2022, nos comitês de bacia do Jequitinhonha, apenas 27% dos conselheiros titulares eram mulheres? Confira a lista de conselheiros no portal de comitês do IGAM: https://comites.igam.mg.gov.br/comites-estaduais-mg



Nas assembleias legislativas estaduais de todo o Brasil, do total de 1.035 deputados, somente 186 são mulheres. Dos 77 deputados estaduais na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, apenas 6 são mulheres. Dos 63 deputados baianos, 9 são mulheres. Entre os 27 governadores, apenas 2 mulheres. Dos 27 senadores eleitos em 2022, só 4 são mulheres.

Em 900 municípios do Brasil, nenhuma mulher foi eleita vereadora na eleição de 2020.

Se as mulheres são a maioria da população, por que não são maioria na hora de tomar as decisões? Isso traz consequências significativas não apenas para as mulheres, mas para toda a sociedade. Na gestão da água, infelizmente, não é diferente.



POR QUE PRECISAMOS E DEVEMOS LUTAR POR MAIS MULHERES NA GESTÃO DAS ÁGUAS?

- Porque em muitas sociedades, principalmente nas comunidades rurais, as mulheres são as responsáveis pela coleta, pelo transporte e gerenciamento da água para uso doméstico e agrícola. Quando falta água, elas são as mais afetadas diretamente.

- Porque as mulheres possuem experiências e perspectivas únicas em relação à água. Elas são fundamentais para levantar questões e propor soluções que podem ser negligenciadas ou não consideradas por homens. Também contribuem para a elaboração de políticas mais inclusivas.

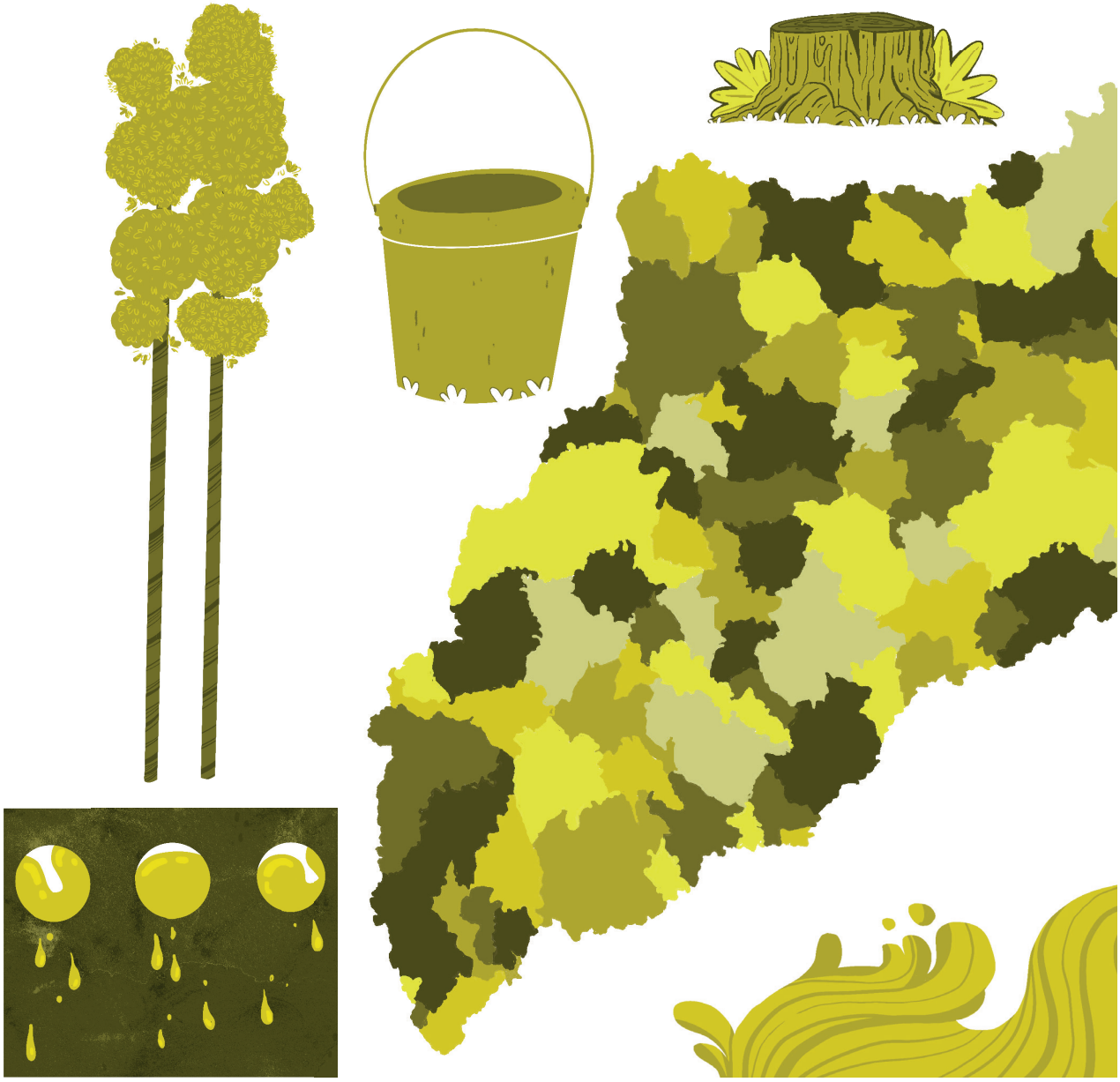
- Porque as mulheres podem colaborar para a redução de conflitos relacionados à água. Estudos mostram que as mulheres exercem papel importante na resolução de conflitos e na busca pela paz.

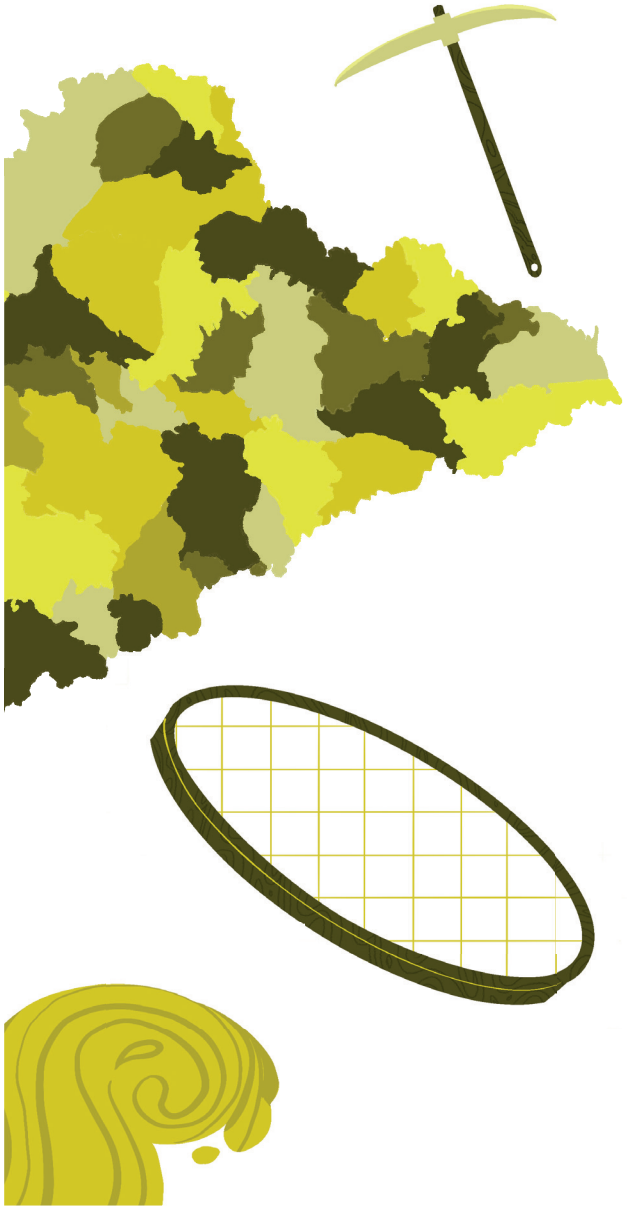
- Porque esse é um espaço tradicionalmente dominado por homens. A presença das mulheres na gestão da água garante a representatividade e o empoderamento feminino.

MAPA PROBL

DOS

EMAS





PROBLEMAS GERAIS IDENTIFICADOS:

Desmatamento e retirada da mata ciliar dos rios e córregos

Plantações de eucalipto nas áreas de recarga e ocupação das chapadas

Redução da quantidade de água dos rios

Garimpo

Mineração

Mudança da qualidade e quantidade da água devido à construção de barragens

Retirada exagerada de água dos rios

Mudança das características morfológicas dos rios

Presença de poços irregulares

Contaminação da água por fertilizantes e agrotóxicos

Mudanças climáticas

Extinção de nascentes

Enchentes

Falta de água tratada

Contaminação dos cursos d'água por esgoto

Erosão e perda de qualidade do solo

CURIOSIDADES:

Você sabia que o Brasil tem um Plano Nacional sobre Mudança do Clima? Esse plano visa reduzir os problemas causados pela mudança do clima, que tem provocado mais secas e mais inundações

No Brasil, o saneamento básico é organizado em quatro eixos: abastecimento de água para a população, esgoto, lixo ou resíduos sólidos e drenagem e limpeza urbana. Também existe uma Política Nacional de Saneamento Básico, que determina a responsabilidade de cada um.

Contaminação por esgoto e tratamento de água:

A contaminação das águas por esgoto é um grande problema em muitos lugares. Quando as pessoas usam o banheiro, a pia da cozinha e até máquinas de lavar, a água suja de elementos químicos como detergentes, sabão, óleos, sujeira, urina e fezes vai para tubos que deveriam levá-lo a um lugar seguro para ser tratado, mas isso não acontece sempre e a água suja (esgoto) polui os rios.

A contaminação das águas é prejudicial para a saúde das pessoas, dos animais e para a vida aquática. Por isso, é muito importante ter sistemas de esgoto eficientes e bem cuidados para proteger o meio ambiente e a saúde de todas e todos.

As mudanças climáticas desempenham um papel significativo no aumento da frequência e intensidade de enchentes em várias partes do mundo. À medida que o clima global aquece, ocorrem alterações nos padrões de precipitação, resultando em chuvas mais intensas e prolongadas em algumas regiões. Isso, por sua vez, aumenta o risco de enchentes, pois o solo não consegue absorver toda a água e os rios podem transbordar rapidamente. As enchentes não apenas representam um perigo iminente para as comunidades, causando danos a propriedades e infraestruturas, mas também têm impactos em longo prazo na segurança alimentar, saúde pública e no bem-estar de populações vulneráveis.



Enchentes:

Enchentes acontecem quando chove muito e a água inunda lugares que normalmente ficam secos. Isso pode acontecer por causa de chuvas fortes ou deslizamentos de terra. No Brasil, isso ocorre bastante e causa estragos em casas, ruas e outras áreas. Isso acontece porque, na maioria dos casos, as cidades não foram planejadas adequadamente e a água não tem para onde ir. Você se lembra das últimas enchentes no Vale?



CACÁ:

"Mas cadê o Rio Araçuaí? Você roda aí a região, de repente, você acha um pedacinho dele ali, outro aqui. Tem trabalhos que estão sendo feitos nesse sentido, de recuperação, mas é pouco, muito pouco, diante da extensão do que foi acabar com os nossos rios por interesses econômicos"


GESTÃO
RECURSOS

DE HÍDRICOS

COMO FOI PENSADA A GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS NO NOSSO PAÍS?



No ano de 1997, foi instituída no Brasil uma lei conhecida como "Lei das Águas". Essa lei define as regras do jogo, define quem pode e quem não pode, define o que pode e o que não pode.

- Em primeiro lugar, é colocado que a água não tem dono, ela é de todos.

- Em segundo lugar, todos devem participar da sua gestão por meio de um comitê, que é composto por representantes da sociedade organizada, do poder público e dos usuários.

- Em terceiro lugar, a bacia hidrográfica é a unidade territorial adotada para fins de planejamento da gestão da água;

É importante que esse cuidado seja feito para garantir os mais diversos usos da água, como o da agricultura, mineração e hidrelétricas, por exemplo. Mas em situações de seca e falta de água o consumo humano e de animais (não só para beber, mas também para se higienizar, cuidar da horta, dos animais) é o mais importante e deve ser priorizado. Tudo isso com o grande objetivo de garantir à atual e às futuras gerações a disponibilidade e a qualidade da água. Afinal, água é vida.

CONFERÊNCIA DE DUBLIN E ODS

A Conferência de Dublin

Em 1992, na Conferência Internacional de Água e Meio Ambiente (ICWE), em Dublin, capital da Irlanda, especialistas de diversos países solicitaram novas estratégias para o gerenciamento dos recursos hídricos. O relatório produzido nessa reunião, intitulado "A água e o desenvolvimento sustentável", estabeleceu como terceiro princípio que a gestão dos recursos hídricos deveria ser feita pelo olhar da mulher.

Princípio n° 3 - As mulheres têm papel principal na provisão, gerenciamento e proteção da água. Este papel de pivô que as mulheres desempenham, como provedoras e usuárias da água e guardiãs do ambiente diário não tem sido refletido na estrutura institucional para o desenvolvimento e gerenciamento dos recursos hídricos.

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) são como um plano global muito importante criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015. Eles incluem 17 metas para melhorar o mundo até 2030, abrangendo tópicos como acabar com a pobreza, cuidar do meio ambiente, garantir saúde e educação de qualidade, entre outras coisas. É como um desafio para todo mundo se juntar e fazer o bem para o planeta e para as pessoas. Destacamos a seguir alguns objetivos e metas relacionado à água e às mulheres:

Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

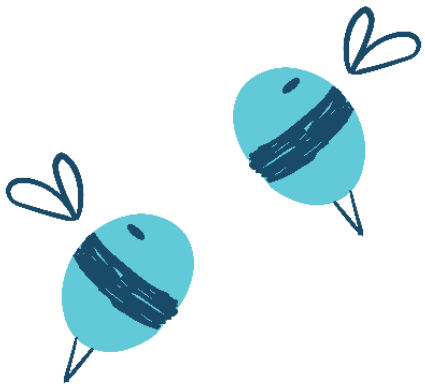
5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte

5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública.

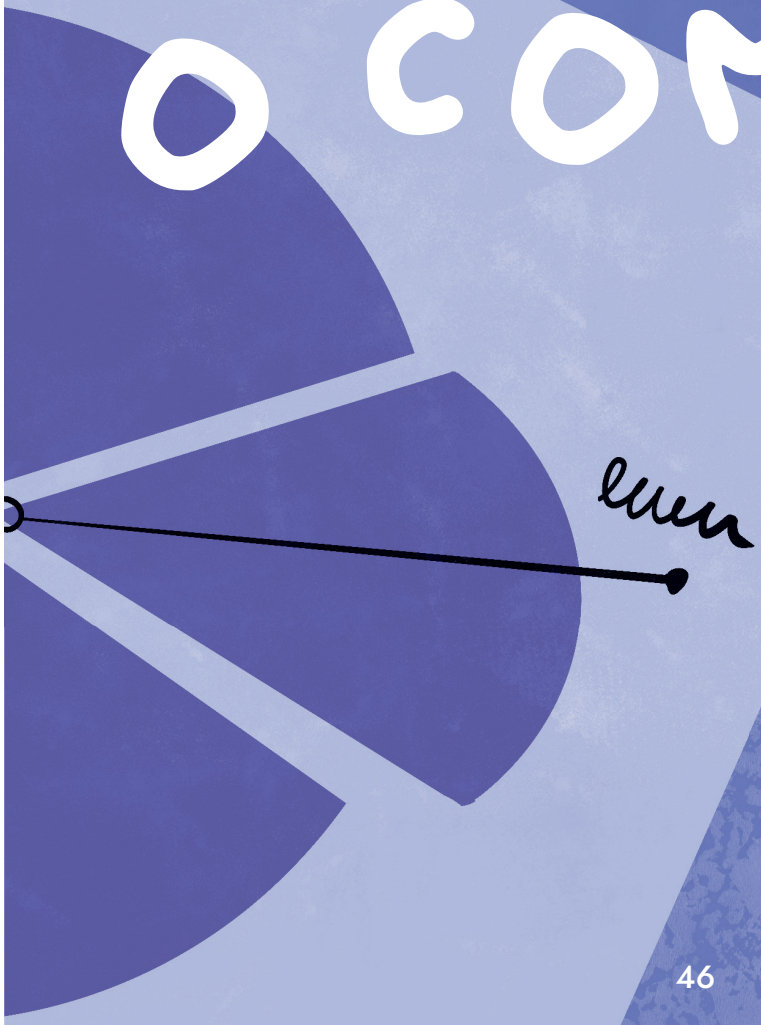
Objetivo 6. Alcançar o acesso universal e equitativo à água potável e segura para todos

6.2 Alcançar o acesso a saneamento e higiene adequados e equitativos para todos [...].

6.4 Aumentar substancialmente a eficiência do uso da água em todos os setores.



O COMITÊ



DE BACIA

SE OS COMITÊS DE BACIA HIDROGRÁFICA (CBH) TÊM PAPEL CRUCIAL NA GESTÃO INTEGRADA E PARTICIPATIVA, COMO É A ESTRUTURA DE UM COMITÊ E O QUE ELE FAZ EXATAMENTE?

Um CBH é um colegiado, um grupo de pessoas que são eleitas para tomar decisões sobre as águas de uma bacia. É como se fosse um conselho municipal, mas voltado para os recursos hídricos de uma bacia. Os comitês são formados por três grupos: poder público, usuários de água e sociedade civil organizada.

poder público

Representado por órgãos e entidades estaduais e/ou federais que possuem relevância ou interesse na bacia, além de representantes dos municípios.

São exemplos de representantes do poder público nos comitês do Jequitinhonha: Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM), Polícia Militar de Minas Gerais, EMATER e Município de Rio do Prado.

usuários da água

Representados por empresas com que possuem outorgas do uso da água para diversos fins ou por entidades representativas dos diversos segmentos.

São exemplos derepresentantes de usuários nos comitês do Jequitinhonha: Aperam BioEnergia, FIEMG, COPASA e Norflor Empreendimentos Florestais.

sociedade civil organizada

Representada um organizações e grupos independentes sem fins lucrativos que atuam para promover interesses e causas sociais, ambientais, políticas ou culturais em benefício da comunidade

São exemplos de representantes da sociedade civil nos comitês do Jequitinhonha: UFVJM, Cáritas Diocesana de Araçuaí, Instituto de Ciências Agrárias da UFMG e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Medina.

Existem basicamente dois tipos de comitês: comitês estaduais e comitês federais.

Se uma bacia hidrográfica está por completo em apenas um estado, é formado um comitê estadual, como o CBH Rio das Velhas. Se uma bacia hidrográfica ultrapassa fronteiras e passa por dois ou mais estados, institui-se um comitê federal, como o CBH Rio São Francisco.

Cada estado tem regras próprias de formação de comitês. Uma das diferenças entre os comitês mineiros de bacia e os comitês federais é que o comitê mineiro possui participação municipal.

A bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha é dividida em duas, a parte mineira e a parte da Bahia, já que o Jequitinhonha nasce em terras mineiras e termina seu percurso no mar na Bahia.

Em Minas Gerais, a bacia do Jequitinhonha foi dividida em três partes, para facilitar a gestão, pois a bacia é muito grande. Então, existem 3 comitês de bacia no Vale do Jequitinhonha mineiro. São eles:

JQ1 - CBH do Alto Rio Jequitinhonha

JQ2 - CBH do Rio Araçuaí

JQ3 - CBH do Médio e Baixo Rio Jequitinhonha

Não há nenhum comitê para a parte baiana, nem há um comitê federal. Ter um comitê de ordem federal seria extremamente importante para o nosso Jequitinhonha, porque assim seria possível discutir muitos assuntos importantes, como as usinas hidrelétricas, a mineração no leito do rio, a pesca e a exploração de mariscos e caranguejos no litoral.

Então, para mudar realmente, é necessário um comitê federal, que é formado por solicitação dos dois estados, Minas Gerais e Bahia.



INSTRUMENTOS DA POLÍTICA NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS – PNRH

E como o comitê trabalha para gerenciar as águas?

O comitê é como uma Assembleia Legislativa: define o que deve ser feito, faz mobilização social, apoia projetos, mas a maior parte das ações é realizada por uma Agência de Bacia, que é um órgão técnico, com capacidade para realizar e contratar estudos e obras. Ou seja, o comitê diz o que quer e a agência executa.

Mas é preciso ter um planejamento para isso. É como quando vamos construir algo: precisamos de um projeto, de dinheiro e de ferramentas.

O projeto é chamado de Plano de Bacia. O plano diz o que temos de fazer para garantir água para todos e com qualidade.

Outra ferramenta é a que define a qualidade da água que precisamos para cada uso e é chamada de enquadramento. É pelo enquadramento que se pode proteger a água de usos que a degradam e se define como serão executadas as ações do plano para recuperar as águas.

As águas doces podem ser enquadradas em cinco classes diferentes, de acordo com a qualidade necessária para os seus usos principais. E o mais importante é que a classe de enquadramento deve ser definida por um pacto com a sociedade. Veja na figura ao lado um resumo do enquadramento:

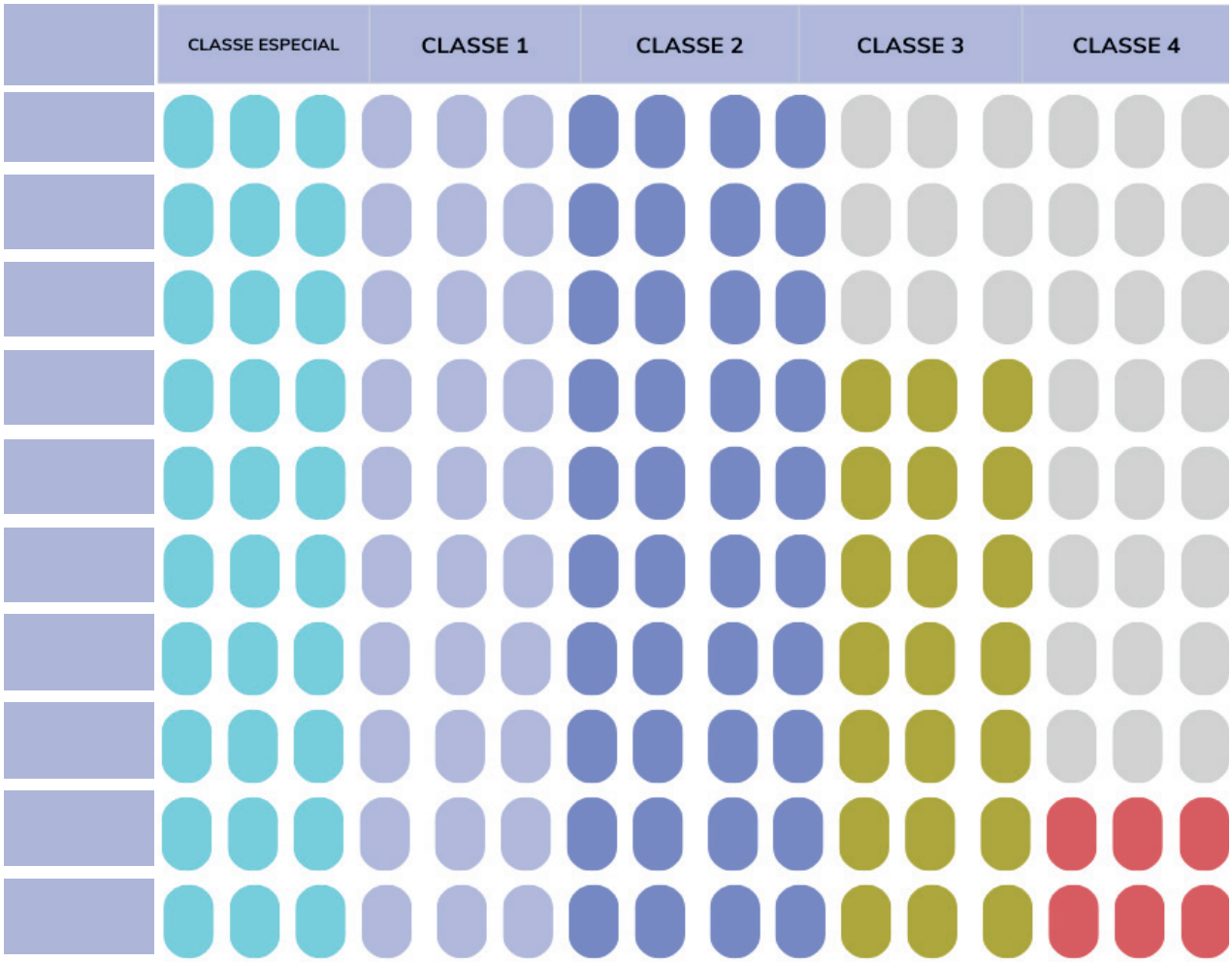
Veja na figura ao lado como é feito um enquadramento: para navegar em um rio, não precisamos de uma água de boa qualidade, pois não vamos usar essa água para beber ou lavar alguma coisa. Então, a água pode ser até classe 4, a pior das classes.

Agora, se a água for para fazer abastecimento das residências, ela tem que ser de melhor qualidade. Dependendo do tratamento que a empresa de saneamento consegue fazer a água terá que ser especial, classe 1, classe 2 ou no máximo, classe 3.

Para nadar, a água tem que ter melhor qualidade, pois não será tratada. Nem todos os usos têm regras definidas, como a lavagem de roupas, o garimpo, a mineiração e a indústria.

Na figura ao lado, a água NÃO pode ser utilizada quando a cor for cinza.




CLASSE ESPECIAL
CLASSE 1
CLASSE 2
CLASSE 3
CLASSE 4



Uma das ferramentas é a autorização para uso da água, que é chamada de outorga. Todos os usos de água precisam ser autorizados pelo governo, mas as regras são aprovadas pelo comitê. É o comitê que define quem deve ter preferência para receber a água.

Mas todos os usos precisam mesmo de autorização? Na verdade, não é bem assim. Os usos simples, aqueles que uma família precisa para viver, ter uma pequena horta e algumas galinhas, esses não precisam. Os outros, sim.

Só sabendo quem quer e quem precisa usar a água é que se pode garantir que ela não faltará para ninguém.

E você sabia que, mesmo consumindo bastante água, as plantações de eucalipto não possuem outorga de água? Vamos mudar isso juntas?

Tem-se também o registro de dados da água e de tudo que a ela está relacionado. Por exemplo, o registro das chuvas. Ou o registro das secas e das enchentes. Ou os dias nos quais deu para tomar banho e naqueles dias que não deu. Isso se chama sistema de informações.

Por fim, o dinheiro. De onde vem? Do pagamento pelo uso da água. Quando se recebe a outorga, lá vai estar registrado quanto se pode tirar de água. E é sobre esse valor que será feita a cobrança pelo uso. E agora algo muito importante: quem define esse valor? Ora, é o comitê!



ALINE RUAS:

"A gente vê uma tendência mesmo de órgãos, às vezes abrem vagas pro que é dito como sociedade civil, e aí é uma empresa que tem todo interesse que não é talvez o nosso. Há uma disputa que é totalmente desigual. Inclusive reuniões são pensadas, e o povo nosso não tem recurso pra ir, tem que ficar indo de carona. Então tudo vai um pouco inviabilizando. E aí nós realmente precisamos estar mais organizados para poder participar dos comitês, dos conselhos"

CRUZADINHA:

_____ dos corpos de água em classes segundo os usos preponderantes: instrumento da PNRH.

_____ pelo uso da água: instrumento econômico de gestão de recursos hídricos

Um dos instrumentos da PNRH que assegura ao usuário o direito de utilizar os recursos hídricos.

COPASA, Aperam Bioenergia, ArcellorMittal, CEMIG são exemplos de _____ da água da bacia do Jequitinhonha.

_____ hidrográfica: unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos.

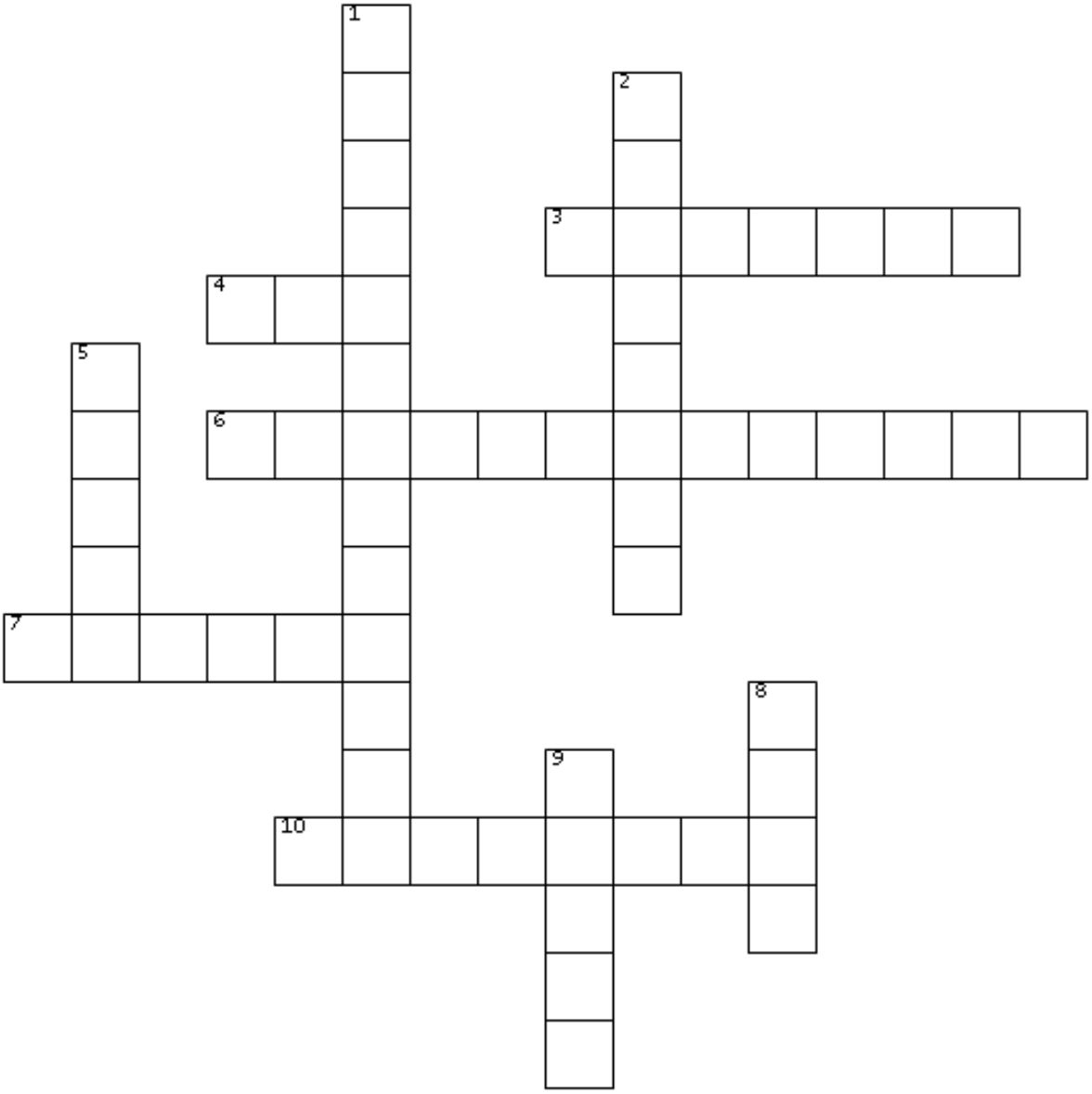
_____ de Bacia": um dos instrumentos da Política Nacional de Recursos Hídricos que serve para orientar a sociedade e os tomadores de decisão na gestão sustentável da água.

A gestão de recursos hídricos deve ser descentralizada e _____.

_____ de Bacia": "parlamento das águas"; espaço onde são debatidas as questões referentes à gestão das águas.

Autarquia do governo de Minas responsável por planejar e promover ações direcionadas à preservação da quantidade e da qualidade das águas do estado.

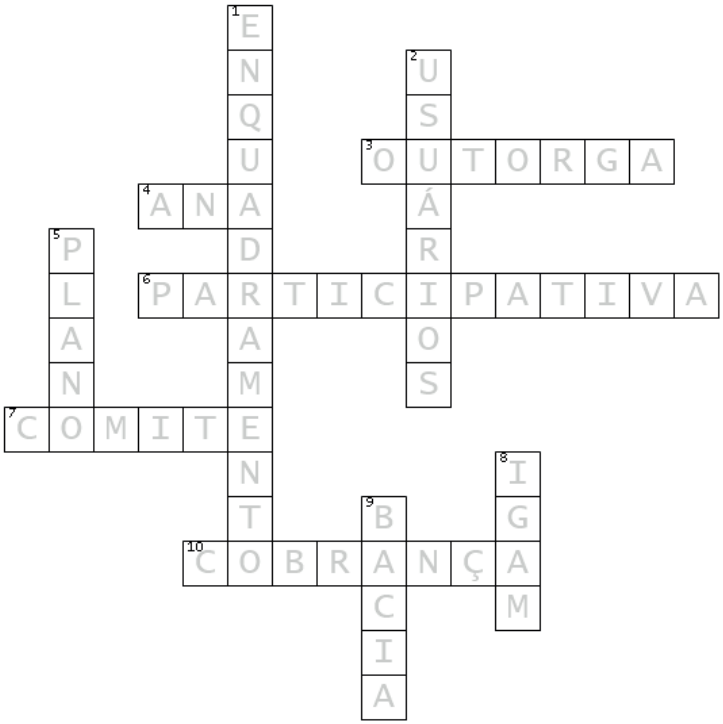
Autarquia responsável, na esfera federal, por implementar a PNRH.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10



Salto da Divisa - Fotografia Iepha

RESPOSTAS DA CRUZADINHA:




SONHO
DAS
MULHERES



Sara Teixeira:

"Ah, eu sonho em ver água em abundância. Água limpa. De ver o tratamento de esgoto que é pago na minha conta de água realmente existir. Que esse esgoto não seja jogado nos nossos rios. [...] Eu sonho em ver o rio São Pedro revitalizado de novo. Eu sonho em ver a barragem mais protegida, nossas nascentes mais protegidas. Eu sonho em ver as pessoas não precisarem mais queixar, igual na zona rural, que tá faltando água, tá levando água em pipa na zona rural. Eu sonho em ver também as pessoas mais conscientes de não gastar tanta água e usar mal do jeito que às vezes usam. Eu acho que isso tudo deve passar por um processo de educação, porque não temos esse tipo de educação na escola, né? [...] Eu procuro conscientizar meu filho, só que às vezes a escola não tem um projeto que realmente oportunize aquelas crianças de saber que aquilo é importante, que cuidar da água é importante. Mas eu sonho, é a utopia, né? A gente tem que sonhar com essas coisas."



Inaguimar Moreira:

"Eu tenho vontade de ver e ouvir da boca de um povo 'O Vale do Jequitinhonha é o vale da riqueza, de gente de talento, é o vale de pessoas capazes, é o vale que venceu'. Esse é o meu sonho. As coisas bonitas também estão no Vale e as pessoas esquecem, de tanto falar que o vale é o vale de gente miserável. Nós não somos miseráveis. Então, tem uma coisa que eu falo: O Vale do Jequitinhonha é um vale que pra mim tem muito valor, chamaram nós de miseráveis, miserável é quem falou."


Festivale
NOME
ATIVIDADE
CIDADE

Lia Queiroz:

"Teve um tempo que eu queria que as pessoas tivessem direito àquilo tudo que é dela. Não entendia por que criança passava fome, por que adolescente era abusada, porque trabalhador não tinha terra. Não achava isso justo. Então, assim, meu maior sonho é que a justiça aconteça. E pra mim justiça é cada um receber aquilo que lhe é de direito."



Adriane Coelho:

"Meu sonho é simples: que as pessoas vivam com dignidade, onde elas desejarem, da forma que elas quiserem, convivendo com isso, que é o maior saber delas, que é a ligação com a terra. Se elas perdem isso, elas perdem a maior essência. O que eu acho mais bonito no Vale são as comunidades rurais e o amor que essas pessoas têm pela sua comunidade."

DAS ÁGUAS DE UM RIO MULHER

Diêgo Alves

O sol mal começava a se despontar e a Mulher já ia longe equilibrando na cabeça, além de uma vida cheia de provas, provações e severas privações, a redonda trouxa que seria devidamente lavada sob as águas claras e profundas daquele rio, seu velho companheiro de incontáveis e maturados anos.

Aquelas suas águas foram testemunhas fluidas de toda uma vida. Desde tenra infância e esquecida idade.

A Mulher sabia que sair de casa ainda bem cedo, era certeza de poder escolher o melhor lajedo para as muitas roupas e outras tantas dores e mágoas que certamente seriam quaradas e alvejadas sob o forte sol que sempre se fazia presente naquela árida região. Lugar tão longe de tudo. Tão longe de todos. Fim de um quase-mundo.

"Será que Deus havia esquecido daquele pedaço de chão?"

Quantas trouxas ainda havia de lavar no correr daquilo que teimosamente chamava de vida-de-meu-Deus? O suficiente e bastante para alimentar as várias bocas que dela dependiam para também viver e não menos, sobreviver. Imediatas respostas para as próprias perguntas que insistiam em ecoar no seu íntimo.

Muito e tudo pensava a Mulher em sua costumeira caminhada pelo carreirinho íngreme que encurtava caminhos e, seco, desaguava no rio. Esboçava, no entanto, um meio-sorriso.

Tirava dele a força necessária para seguir. Mesmo sem saber exatamente o quê ou para onde. Seguia. Só, seguia.

No costumeiro hábito do ofício, separava as roupas que deveriam ser postas juntas e de molho. No adiantar da ação, possibilitava o namoro rude entre roupas e lajedo, que de quando em vez eram acariciados pelo esfregar do sabão quairo feito com óleo de mamona e cinzas. "Sabão feito assim, minha fia, tira



qualquer sujeira mais difícil e a escuma facilita a limpeza e deixa a roupa mais maciinha. Oia procê tar. Duro aprendizado adquirido ainda meninazinha, nas orientações cuidadosas e delicadas de sua falecida Mãe, de quem forçosamente herdou coragem, sina e a profissão de lavadeira, de tristezas, angústias e roupas.

Ainda na solitária lavagem, suspendia, num ritmado quase que insano, as peças mais pesadas e, no bater forte contra o lajedo, roupas e incertezas se confundiam. "De Deus virá o recurso. De Deus virá o recurso", repetia pra si, no silêncio do pensar.

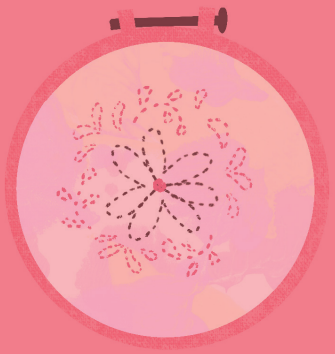
Aos poucos, o vozerio das companheiras de luta e labuta ia ocupando espaços de silêncio e dos outros lajedos, que, diferentemente delas, mesmo em sua imobilidade, eram livres e sem espera.

- Bom dia, comadre! Madrugou hoje também!?

- Deu formiga na cama, menina?

- Ô comadre, por que a senhora num mim chamou pra gente vim juntas, muié?

- Menina, que barrufo é esse! Já lavou foi tudo isso?



- A senhora trouxe a marmita ou os meninos vem trazer mais tarde?

As desmedidas e infindáveis perguntas se intercalavam com os cantos que de imediato começavam a ser entoados e, numa perfeita harmonia, disfarçavam históricos de vidas sofridas das muitas e demasiadas mulheres cujas peles, apressadamente envelhecidas,



se queimavam no sol, a pretexto de garantir para si e para as suas gentes, o pão de cada dia. Ainda que regrado. Irmanadas todas na lida de sempre servir.

- A gente só não pode é insmurecer, né, comadre.

- Tem que pegar o boi pelo chifre. Isso é que é!

- Compadre deu notícia? Meu Deus! Já vai pra mais de ano, né?

E a Mulher, sem dizer palavra, fitou precisa as companheiras. Sem tristeza. Mas firmeza no olhar. No inesperado do ato, como que por encantada, responsável tirou do arfante peito, o preciso fôlego e solfejou um canto que se fez de todas e por todas se entoou. Não era a primeira viúva-de-marido-vivo.

Também a última não seria.

Finda a lavagem, era esperar a meninada chegar com o pouco de comida que, quase única no dia, sustentaria mais tarde a passagem da roupa, já seca, a ferro-de-brasa alimentado pela lenha anteriormente buscada em alheias terras, cujos forjados e forçados donos, reprimiam, sem positivos resultados, a sua retirada.

- Mais tem Deus pra dar, do que o capeta pra tirar - esperançada se convencia.

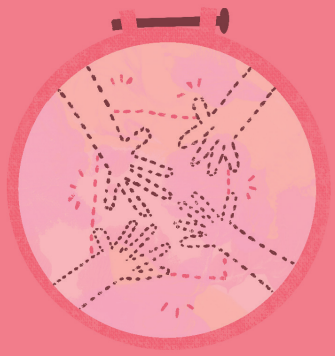
Com a ajuda dos miúdos e da mais velha que já se fazia mocinha, repartia a roupa nas bacias trazidas na hora do almoçar coletivo e rumava certo destino para o arremedo de casa.

Na espera da secagem, outros afazeres domésticos aguardavam o momento para cotidiana e repetidamente serem executados. Um quase diário ritual. Enquanto labutava, sem pressa e sem aviso, parou. Mirou no fogão à lenha, à espera de nova tintura com o barro branco já curtido e só achado a muitas distâncias dali. Estática, o que não era de seu costume, pôs-se a pensar no desaparecido e sumido marido.

"Será que andava vivo ou a Deus já dado?" Na vez última em que avistou os negros olhos dele, o caçula estava meses adiantados no ventre que, há três anos, abençoadamente secara. "Deus tá! Deus tá.".

Sentiu de leve e num relance um vento quente e temporão que anunciava inesperada chuva. Correu a recolher a roupa que coloria a velha cerca de varas, por ela há tempos feita. De longe, ouvia-se a meninada em justa algazarra.

Editora Alpheratz





RECEITA DE QUEIMADINHA

INGREDIENTES

Canela, cravo-da-índia, erva-cidreira, erva-doce, folha de laranjeira, gengibre (opcional), hortelã comum, hortelã gordo, rapadura e pinga de engenho.

MODO DE PREPARO

Coloque todos os ingredientes em uma panela larga e rasa. Acrescente pinga de engenho na panela até cobrir. Adoce com rapadura. Feito isto, coloque fogo na mistura, para queimar o álcool da pinga e dar o sabor à queimadinha. Depois de alguns minutos, abafe a panela para apagar o fogo e sirva, de preferência, ainda quente.

RECOMENDAÇÕES

A queimadinha é mais adequada para o tempo frio, pois, além de aquecer o corpo, ajuda a prevenir gripes. Mestre Antônio adverte que não se deve exagerar no gengibre, pois ele é quente, e, caso a pessoa tome algo gelado em seguida, pode causar uma gripe, ao invés de evitá-la.

De Mestre Antônio Bastião, de Minas Novas, e Zé do Ponto, de Chapada do Norte
Recolhida durante o 29° Festivale realizado em Jequitinhonha entre os dias 24 e 30 de julho de 2011.

VOCÊ CONHECE A HISTÓRIA DA LEI MARIA DA PENHA?

Maria da Penha Maia Fernandes, pessoa que foi precursora do movimento para a criação dessa lei, em duas ocasiões foi vítima de tentativa de homicídio pelo seu, até então, marido. Após esses acontecimentos e múltiplas outras agressões, Maria não desistiu de buscar justiça, o que se provou ser uma árdua tarefa, visto que, na época que isso ocorreu, durante os anos de 1983 até 2002, não havia uma legislação específica para casos de violência doméstica contra mulher.

Infelizmente, o caso de Maria provou não ser uma exceção. Ele apenas evidenciou um grave problema na Justiça brasileira. Apenas em 2007, esse tipo de violência foi definida como um crime.

Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: **física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.**

Caso presencie esse tipo de situação, denuncie:

LIGUE 180


CONDÃO










Bom
Dia




Marcha das Margaridas



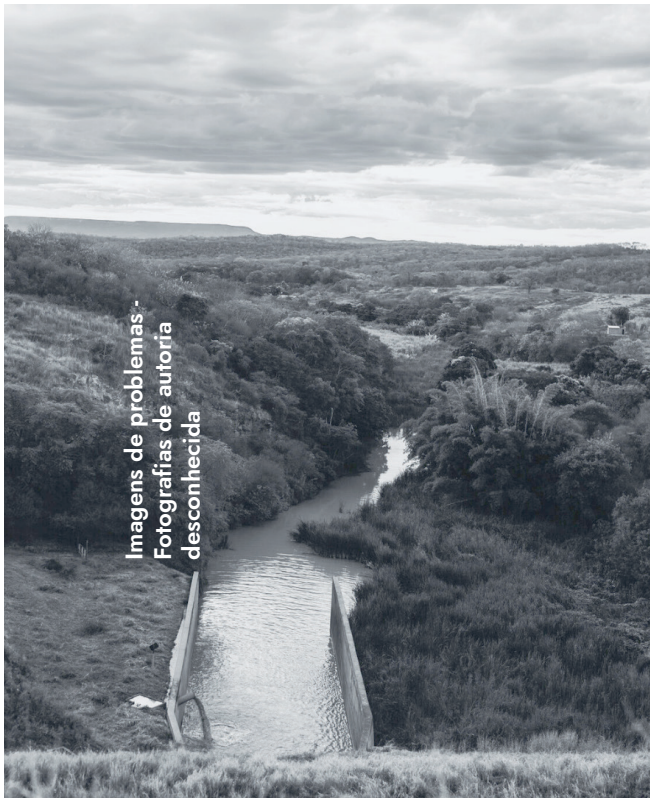




Fotografias do acervo Polo Jequitinhonha







Imagens de problemas - Fotografias de autoria desconhecida



JANEIRO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
1	1	2	3	4	5	6	7
2	8	9	10	11	12	13	14
3	15	16	17	18	19	20	21
4	22	23	24	25	26	27	28
5	29	30	31				

FEVEREIRO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
5				1	2	3	4
6	5	6	7	8	9	10	11
7	12	13	14	15	16	17	18
8	19	20	21	22	23	24	25
9	26	27	28	29			

MARÇO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
9					1	2	3
10	4	5	6	7	8	9	10
11	11	12	13	14	15	16	17
12	18	19	20	21	22	23	24
13	25	26	27	28	29	30	31

MIMOSA



CHAPÉU DE COURO



QUARESMEIRA



2020

QUARESMEIRINHA



CAGAITA



LIMÃOZINHO



JULHO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
27	1	2	3	4	5	6	7
28	8	9	10	11	12	13	14
29	15	16	17	18	19	20	21
30	22	23	24	25	26	27	28
31	29	30	31				

AGOSTO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
31				1	2	3	4
32	5	6	7	8	9	10	11
33	12	13	14	15	16	17	18
34	19	20	21	22	23	24	25
35	26	27	28	29	30	31	

SETEMBRO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
35							1
36	2	3	4	5	6	7	8
37	9	10	11	12	13	14	15
38	16	17	18	19	20	21	22
39	23	24	25	26	27	28	29
40	30						

24

ABRIL

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
14	1	2	3	4	5	6	7
15	8	9	10	11	12	13	14
16	15	16	17	18	19	20	21
17	22	23	24	25	26	27	28
18	29	30					

CANELA DE EMA



CANELA DE VELHO



MAIO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
18			1	2	3	4	5
19	6	7	8	9	10	11	12
20	13	14	15	16	17	18	19
21	20	21	22	23	24	25	26
22	27	28	29	30	31		

PAINEIRA DO CERRADO



MURICI PEQUENO



JUNHO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
22						1	2
23	3	4	5	6	7	8	9
24	10	11	12	13	14	15	16
25	17	18	19	20	21	22	23
26	24	25	26	27	28	29	30

CORREIRA DO CAMPO



ERVA DE PASSARINHO



OUTUBRO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
40		1	2	3	4	5	6
41	7	8	9	10	11	12	13
42	14	15	16	17	18	19	20
43	21	22	23	24	25	26	27
44	8	29	30	31			

NOVEMBRO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
44					1	2	3
45	4	5	6	7	8	9	10
46	11	12	13	14	15	16	17
47	8	19	20	21	22	23	24
48	25	26	27	28	29	30	

DEZEMBRO

S	SE	TE	QU	QU	SE	SÁ	DO
48							1
49	2	3	4	5	6	7	8
50	9	10	11	12	13	14	15
51	16	17	18	19	20	21	22
52	23	24	25	26	27	28	29
1	30	31					

Este almanaque foi impresso com as fontes Jost e Oliver em papel Couché 90g pela Imprensa universitária da UFMG